

Em Paris, Bracher pede aos credores tratamento especial

25 FEV 1986

PARIS — “Os credores, ao defenderem o tratamento caso a caso da dívida externa querem eximir-se da sua parte de responsabilidade na crise e exigir o máximo do devedor. Mas o Brasil merece tratamento diferenciado na negociação de sua dívida externa”. Este foi o tom do pronunciamento feito ontem em Paris pelo Presidente do Banco Central, Fernão Bracher, no Instituto de Estudos Bancários e Financeiros, para uma platéia composta por 200 credores franceses, diplomatas e especialistas internacionais.

Bracher reivindicou a manutenção do diálogo a fim de criar condições para um acordo mais amplo e de longo prazo e alertou que “a transferência de recursos reais para o exterior, equivalente a cinco por cento do Produto Nacional Bruto, aumenta dramaticamente as tensões inflacionárias”. Ao salientar que estão em fase final os entendimentos com os bancos sobre os créditos de curto prazo, a dívida vencida em 85 e a vencer em 86, Bracher criticou os credores por se recusarem a fazer uma apreciação global do problema do endividamento dos países em desenvolvimento.

Disse que a área interna da economia é hoje a que tem maiores problemas porque foi a que mais sofreu o peso do ajustamento externo. Ressaltou que em 85 o Brasil teve uma dívida líquida total de US\$ 88 milhões. Para ele, a elevada inflação provocada, a seu ver, pela indexação da economia (correção dos valores de acordo com a inflação) é o maior problema do atual Governo.

Criticou ainda os banqueiros internacionais por terem interrompido, a partir de 82, o fornecimento de recursos ao Brasil (que até então recebia uma média mensal de US\$ 1 bilhão). Segundo ele, este corte provocou profundas e danosas consequências para o País, aumentando ainda mais as pressões inflacionárias.

O Presidente do BC disse que a principal ameaça à estabilização da economia interna são as reivindicações salariais, mas acrescentou que confia no êxito da atual política econômica e na queda da inflação.

Finaliza seu pronunciamento pedindo apoio dos bancos franceses — aos quais o Brasil deve US\$ 6,3 bilhões — para conseguir de todos os credores tratamento diferenciado para a dívida externa nacional.

Antes da conferência que começou às 18h, Bracher concedeu rápida entrevista à imprensa francesa e brasileira, mostrando-se evasivo e discreto a respeito dos encontros mantidos de manhã com banqueiros europeus e representantes do Clube de Paris. O Presidente do BC entrevistou-se com Michel Camdessus, Presidente do Banco Central francês, e com Jean Claude Trichet, Diretor do Tesouro e atual Presidente do Clube de Paris. Nada transpirou das conversas mas é certo que o principal item da pauta foi o pagamento dos juros da dívida pública brasileira, reescaladas pela última vez em novembro de 1983, quando as negociações envolveram US\$ 3,8 bilhões de débitos garantidos pelos bancos centrais.

ANY BOURRIER
Correspondente